

## NOTAS SÔBRE BRÊNTIDAS. I. (*Col. Brentidae*)<sup>1</sup>

BENEDICTO A. M. SOARES<sup>2</sup>

### Sumário

O autor estudou algumas espécies de Coleópteros, pertencentes à família *Brentidae* (tribo *Arrhenodini*). Descreveu o alótipo fêmea de *Schoenfeldtia impressicollis* Senna, 1893, e três novas espécies de *Vianodes* H. Rossi, 1955: *Vianodes cyriodontoides*, sp. n., *Vianodes quadridentaticollis*, sp. n., *Vianodes spinipennis*, sp. n. Considerou também *Pararrhenodes misionensis* (= *misionera*) H. Rossi, 1954, como sendo sinônimo de *Vianodes appositus* (Kleine, 1923), e *Vianodes campyrus* (Senna, 1897) — somente os machos eram conhecidos — como sendo sinônimo de *Rhynchoneus belti* Sharp, 1895 — somente as fêmeas eram conhecidas.

### INTRODUÇÃO

Há alguns anos vimo-nos dedicando ao estudo dos insetos da família *Brentidae*. Tanto assim é que, em várias palestras realizadas em "Reuniões Técnicas" no antigo Instituto de Ecologia e Experimentação Agrícolas, hoje integrado no Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Centro-Sul, do Ministério da Agricultura, apresentamos resultados de nossas conclusões e demos títulos a trabalhos que tínhamos elaborado para publicação, propondo nos resumos mimeografados para distribuição, nomes para as formas inéditas, mas sem especificar os lugares em que se achavam os tipos e sem dar a diagnose diferencial exigida pelas regras internacionais de nomenclatura zoológica, com o objetivo único e exclusivo de não dificultar o trabalho de entomologistas que por ventura quisessem ocupar-se do assunto.

Circunstâncias especiais impediram a obtenção de desenhos ou fotografias que pudessem acompanhar as diagnoses e o recebimento de material cada vez mais vultoso, especialmente da coleção Campos Seabra, nos levaram a firmar sôbre algumas formas certos conceitos que se nos afiguravam ainda duvidosos.

Face aos conhecimentos que temos presentemente do grupo, julgamos mais útil e proveitosa nossa contribuição se dermos à publicidade, sob a forma de notas, diagnoses de novas espécies e conceitos firmados sôbre outras, estabelecendo ainda, sinóni-

mias sôbre as quais não recai nenhuma dúvida, antes de saírem a lúmen os nossos ensaios de revisão de gêneros, tarefa que se acha em fase de elaboração.

Com a nova orientação adotada fomos forçados a desdobrar trabalhos que figuravam como projetos de pesquisa no "Indicador" de 1961 do referido Instituto de Ecologia e Experimentação Agrícolas.

Recentemente conseguimos a necessária ilustração, diante dos recursos mobilizados pela Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu, o que nos possibilitou o envio desta contribuição para o prelo.

#### *Schoenfeldtia* Senna

*Schoenfeldtia* Senna, 1893: 120.

Ao estudar os Brêntidas do Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Centro-Sul, deparamos com dois exemplares do sexo feminino que, em virtude do pequeno comprimento das antenas, dos élitros serem lateralmente paralelos e não estreitados para o declive posterior, das patas serem curtas e do hábito não ser esbelto, só poderiam pertencer à tribo *Arrhenodini*, se bem que lembrassem muito os *Belopherini*. A princípio não conseguimos colocá-los em nenhum dos gêneros de *Arrhenodini*. Suspeitamos então, que tivéssemos em mãos duas fêmeas, ainda inéditas, de *Schoenfeldtia impressicollis* Senna, 1893. Fomos a seguir compará-las com dois machos desta mesma espécie que havíamos determinado dias atrás, para outra coleção, um proveniente de Casa Grande (Estado de São Paulo) e outro de Teresópolis (Estado do Rio de Janeiro). Apesar do enorme dimorfismo sexual exibido (machos com dois espinhos no protórax e com dente inferior no ápice do longo e curvo escapo das antenas; fêmeas sem essa armação), nossa suspeita foi confirmada, tal a coincidência total de colorido e

<sup>1</sup> Este trabalho foi recebido para publicação em 4 de abril de 1966 e constitui o Boletim Técnico n.º 26 do Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Centro-Sul (IPEACS), km 47, Campo Grande, Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Prof. Catedrático do Departamento de Biologia da Universidade Rural do Brasil e Chefe da Seção de Entomologia do IPEACS.

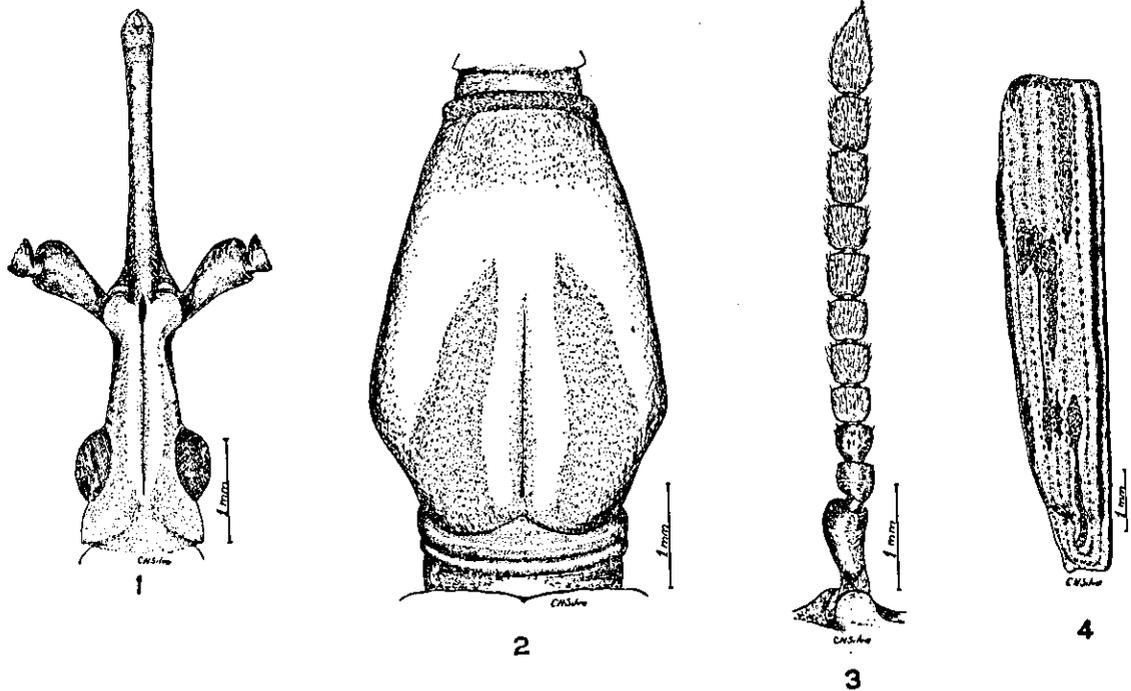


FIG. 1. *Schoenfeldtia impressicollis* Senna: cabeça e rostro (vista dorsal).  
 FIG. 2. *Schoenfeldtia impressicollis* Senna: protórax (vista dorsal).  
 FIG. 3. *Schoenfeldtia impressicollis* Senna: antena.  
 FIG. 4. *Schoenfeldtia impressicollis* Senna: élitro.

da estrutura dos élitros, do abdômen, da face ventral e das patas, em seus mínimos detalhes, inclusive no que se refere à distribuição de pontos. Não tivemos portanto, dúvida de que se tratava de uma única espécie agora representada pelos dois sexos, embora os espécimes não fôssem apanhados no mesmo local. Posteriormente examinamos fêmeas e machos coligidos na mesma localidade. Vamos, pois, descrever o alótipo fêmea, ainda desconhecido.

*Schoenfeldtia impressicollis* Senna (Figs. 1 a 4)

*Schoenfeldtia impressicollis* Senna, 1893:121, pl.

1, fig. 2; v. Schönfeldt, 1908:121, figs. 1, 1a, 1b; Kleine, 1927b:40; Kleine, 1938b:96; Blackwelder, 1947:772.

Fêmea. Comprimento: 20,4 mm. Protórax: comprimento — 5,1 mm; largura — 3,1 mm.

Cabeça alongadamente abobadada, ângulos posteriores com aurículas obsoletas. Rostro longo, metarrostro mais curto que o prorrostro, sulcado a partir do meio dos olhos até o mesorrostro, tal qual no macho; prorrostro, ao contrário, cilíndrico, filiforme, com minúsculos pontos, não dilatado para as

extremidades e sem dentes; mesorrostro dilatado. Antenas robustas como as do macho, porém mais curtas, em virtude do escapo ser diferente, muito mais curto e muito menos curvo, sem dente no ápice. Os demais artigos antenais e os olhos como no macho. Protórax não tão alongado como no sexo oposto, estreitado adiante, não comprimido obliquamente dos lados e sem dentes laterais na base, liso. Élitros exatamente como no macho. Patas anteriores mais longas e mais robustas, como no macho, as suas ancas próximas; todos os fêmures claviformes e com dentes, levemente curvos na base; tíbias anteriores com um espinho no meio, dilatadas e divididas no ápice, o ângulo externo com um espinho agudo; tíbias médias e posteriores sem espinho no meio. Os dois primeiros segmentos abdominais abobadados; abdômen praticamente liso, apenas o último segmento com pequeninos pontos. Metasterno sulcado, com fosseta posterior. Face inferior da cabeça e do metarrostro com duas séries de grossos pontos, em número de 8 a 10.

Procedência. Rio de Janeiro, Itatiaia (800 m): alótipo fêmea, coligido por H. de Souza Lopes, em dezembro de 1933. Rio de Janeiro, Cordeiro: parátipo fêmea, coligido por Dario Mendes, em 23-I-1938.

*Vianodes* H. Rossi*Vianodes* H. Rossi, 1955:62.*Vianodes appositus* (Kleine)*Arrhenodes appositus* Kleine, 1923b:51; Kleine, 1927b:40; Kleine, 1938b:96; Blackwelder, 1947:773.*Vianodes appositus* (Kleine) H. Rossi, 1955:63.*Pararrhenodes misionensis* H. Rossi, 1954:2.*Pararrhenodes misionera* H. Rossi, 1961:160, figs. 136-142, 289, 290.

H. Rossi (1954:2) faz sumária caracterização de um nôvo gênero, *Pararrhenodes*, para uma espécie que supôs inédita, *Pararrhenodes misionensis*, tendo-se limitado, na ocasião, a caracterizá-la lacônicamente sem, no entanto, descrevê-la. Posteriormente (1961:1960), baseado em 4 fêmeas, descreve minuciosamente a forma em aprêço, fazendo-a acompanhar de desenhos e fotografias, de modo que não nos resta dúvida alguma de que H. Rossi teve em mãos fêmeas de *Vianodes appositus* (Kleine, 1923). Conhecemos bem esta espécie, cujos machos exibem aurículas mediócras na parte posterior da cabeça, de um lado e de outro, atrás dos olhos. De qualquer modo que sejam apreciadas as aurículas, menos evidentes nas fêmeas que nos machos, *Pararrhenodes misionensis* H. Rossi, 1954 (denominado pelo seu autor *Pararrhenodes misionera* em 1961) é sinônimo de *Vianodes appositus* (Kleine, 1923).

Meyer (1959b:299) descreveu em *Pararrhenodes* H. Rossi, 1954, a espécie *Pararrhenodes nitidissimus* Meyer, 1959, cujo holótipo, um macho, é destituído de aurículas atrás dos olhos. As regras internacionais de nomenclatura zoológica não nos permitem aproveitar o nome *Pararrhenodes* H. Rossi, 1954, mantendo aí a espécie de Meyer, uma vez que o seu genótipo, *Pararrhenodes misionensis* (ou *Pararrhenodes misionera*) H. Rossi, 1954, é sinônimo de *Vianodes appositus* (Kleine, 1923). Ademais, outros caracteres de *Pararrhenodes* referidos por H. Rossi não são encontrados em *Pararrhenodes nitidissimus* Meyer, 1959, pois esta última espécie possui espinho mediano inferior nas tíbias I e o desenho ornamental é pouco nítido se comparado com o de *Vianodes appositus*. Por outro lado, dos caracteres mencionados por H. Rossi (1961:159 e 166) para separar *Pararrhenodes* de *Vianodes* H. Rossi, 1955, as tíbias I não servem de base, pois os machos de *Vianodes appositus* exibem nessas tíbias saliência em crista na face

inferior, formando no meio vestígio de dente, mais acentuado que o figurado por H. Rossi (1961:158, fig. 136) para fêmeas; *Vianodes denticollis* (Gyll., 1833) não possui dente nem em vestígio nas mesmas tíbias e em ambos os sexos; *Vianodes facetus* (Kleine, 1927) tem aurículas tão mediócras que na prática podem considerar-se como inexistentes e as suas tíbias I são desprovidas de espinho mediano inferior; *Vianodes nordestinus* Meyer, 1960, se acha no mesmo caso no que tange a aurículas e a espinho inferior das tíbias I e é desprovido de espinho ou mucro na porção apical externa dos élitros; *Pararrhenodes nitidissimus* Meyer, 1959, realmente não tem aurículas, mas as tíbias I possuem espinho mediano inferior e não há espinho apical ou mucro externo nos élitros. São desprovidas de espinho ou mucro apical externo nos élitros as seguintes espécies: *Vianodes appositus* (Kleine, 1923), *Vianodes flaccus* Meyer, 1959, *Vianodes nordestinus* Meyer, 1960, e *Pararrhenodes nitidissimus* Meyer, 1959.

Como vemos do exposto, a presença ou a ausência de espinho mediano inferior nas tíbias I, a presença ou ausência de espinho apical externo ou de mucro nos élitros e o maior ou menor desenvolvimento das aurículas (tôdas as gradações existem), são caracteres que têm mero valor específico. O fato de haver realmente ausência de aurículas levou Meyer (1959b:299) a descrever a sua espécie como *Pararrhenodes nitidissimus*, em gênero que H. Rossi não havia descrito em 1954, quando o caracterizou lacônicamente, tendo mesmo silenciado sobre caracteres importantes do genótipo. Somente sete anos depois, descreveu H. Rossi *Pararrhenodes* e o respectivo genótipo (1961:159-166).

Estabelecida uma vez a sinonímia de *Pararrhenodes misionensis* ou *Pararrhenodes misionera*, há dois caminhos a seguir: ou passar *Pararrhenodes nitidissimus* Meyer, 1959, para o gênero *Vianodes* H. Rossi, 1955, ou criar para ela um nôvo gênero.

Face à difícil apreciação da presença ou ausência de aurículas em certas formas por nós examinadas, quando o caráter assume valor subjetivo, à existência ou não de espinho mediano inferior nas tíbias I ou de espinho ou mucro apical externo nos élitros (caracteres meramente específicos), preferimos por hora manter em *Vianodes* espécies com ou sem aurículas, com ou sem espinho mediano inferior nas tíbias I e com ou sem espinho ou mucro apical externo nos élitros. Assim, *Pararrhenodes nitidissimus* Meyer, 1959, passará denominar-se: *Vianodes nitidissimus* (Meyer, 1959), comb. n.

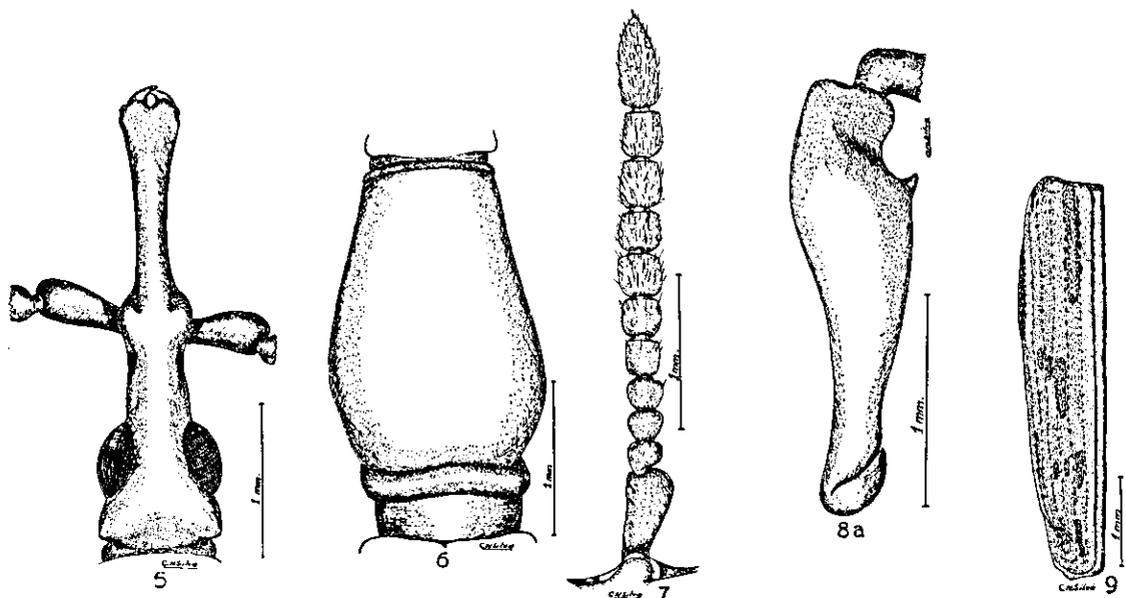


FIG. 5. *Vianodes cyriodontoides*, sp. n.: cabeça e rosto (vista dorsal).  
 FIG. 6. *Vianodes cyriodontoides*, sp. n.: protórax (vista dorsal).  
 FIG. 7. *Vianodes cyriodontoides*, sp. n.: antena.  
 FIG. 8a. *Vianodes cyriodontoides*, sp. n.: fêmur III.  
 FIG. 9. *Vianodes cyriodontoides*, sp. n.: élitro.

*Vianodes cyriodontoides*, sp. n. (Figs. 5 a 9)

Macho. Comprimento: 10,00 mm. Protórax: comprimento — 2,40 mm; largura — 1,50 mm.

Cabeça mais longa que larga, abobadada, convexa, mais estreita adiante que atrás, com uma fila inferior de pontos muito grossos de cada lado continuando-se até o mesorrostro, sem aurículas atrás dos olhos; olhos grandes; face dorsal com sulco linear obsoleto que se continua pelo metarrostro e mesorrostro, até o início do prorrostro. Metarrostro mais curto que o prorrostro, quadrangular, de arestas arredondadas, com duas filas inferiores de grossos pontos e com quatro pontos de cada lado. Prorrostro longo, dilatado no ápice, liso. Antenas com os artículos 2.<sup>o</sup>, 3.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup> arredondados e curtos, tão largos quão

longos, os seguintes cilíndricos. Protórax sem sulco dorsal, liso. Patas longas, as tíbias direitas, as do primeiro par com dente agudo inferior pouco acima do meio, todos os fêmures clavados e com espinho apical inferior. Metasterno sem sulco, apenas com pequena fosseta mediana adiante das ancas do 3.<sup>o</sup> par. Abdômen sem sulco, apenas com raros e minúsculos pontos. Élitros sem espinho ou mucro apical externo; 2.<sup>o</sup> interstício baixo, os demais salientes; primeira estria apenas com pequeninos pontos no declive posterior, as demais com séries longitudinais de pontos. É a seguinte a distribuição do desenho ornamental: 3.<sup>o</sup> interstício com longa listra basal, curta pós-mediana e apical; 4.<sup>o</sup> com ante-mediana e curta pós-mediana; 5.<sup>o</sup> com curta ante-mediana; 6.<sup>o</sup> com pós-mediana; 7.<sup>o</sup> com longas pós-umeral.

Colorido geral castanho-avermelhado, com sombreado irregular enegrecido. Desenho dos élitros alaranjado.

Procedência: Brasil (holótipo macho, n.<sup>o</sup> 54/073, coleção do Museu Nacional, Rio de Janeiro).

Trata-se de espécie esbelta e pequena. A ausência de aurículas atrás dos olhos e do espinho ou mucro apical externo nos élitros e a presença de espinho inferior pouco acima do meio das tíbias I a tornam mais afim de *Vianodes nitidissimus* (Meyer),

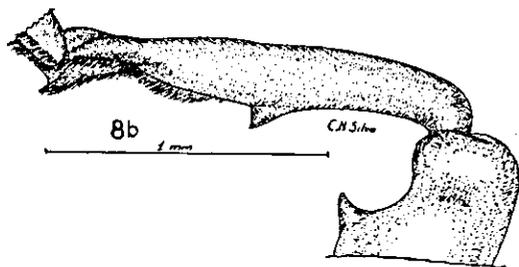


FIG. 8b. *Vianodes cyriodontoides*, sp. n.: tíbia I.

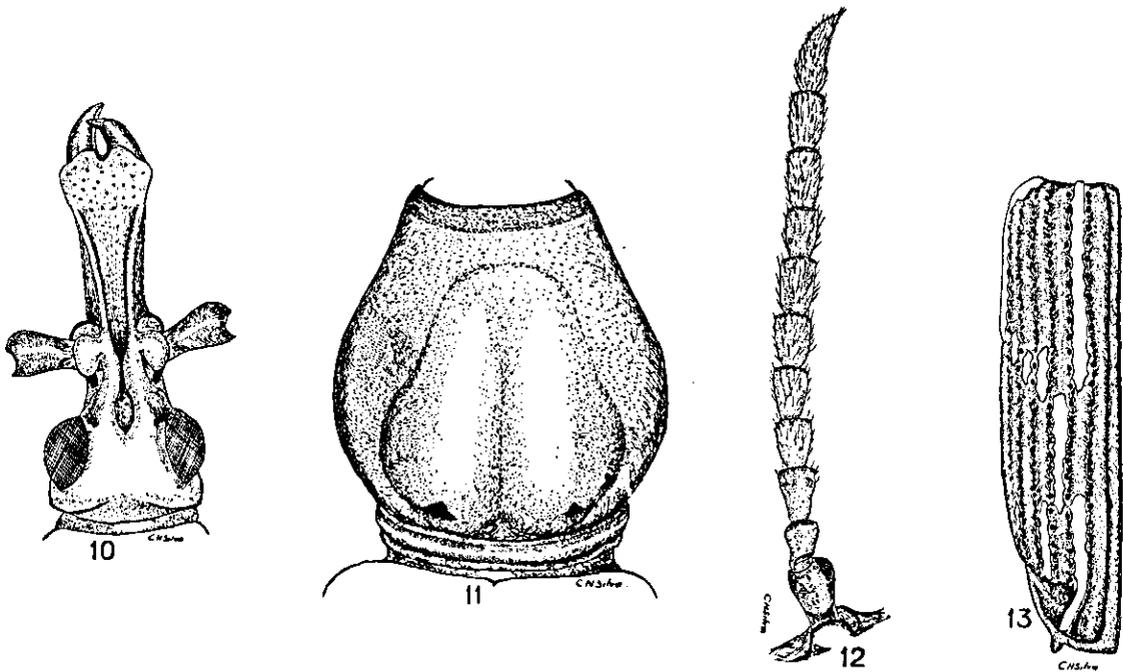


FIG. 10. *Vianodes quadridentaticollis*, sp. n.: cabeça e rostro (vista dorsal).  
 FIG. 11. *Vianodes quadridentaticollis*, sp. n.: protórax (vista dorsal).  
 FIG. 12. *Vianodes quadridentaticollis*, sp. n.: antena.  
 FIG. 13. *Vianodes quadridentaticollis*, sp. n.: élitro.

de que se separa facilmente porque possui os fêmures posteriores clavados e não lamelados, como na forma descrita por Meyer. O seu *facies* lembra o das espécies de *Cyriodontus* Kirsch, 1867.

*Vianodes quadridentaticollis*, sp. n. (Figs. 10 a 13)

Fêmea. Comprimento: 17,0 mm. Protórax: comprimento — 3,5 mm; largura — 3,0 mm.

Cabeça mais larga que longa, mais estreita adiante, superiormente um pouco convexa, olhos muito próximos do bordo posterior das aurículas, a uma distância menor que o raio ocular, com dois grossos pontos inferiores de cada lado. Metarostro curtíssimo, com depressão dorsal limitada anteriormente por duas quilhas rombas convergentes no mesorostro, com um ponto lateral adiante de cada olho e com três grossos pontos de cada lado inferiormente. Mesorostro elevado de um lado e de outro na inserção das antenas e sulcado dorsalmente no meio. Prorostro longo e filiforme. Artículos antenais mais longos que largos, do 2.º ao 6.º cônicos, 7.º a 11.º cilíndricos. Protórax robusto, abruptamente estreitado posteriormente havendo na face dorsal, de um lado e de outro antes de estreitar-se, dois denticulos cônicos, adiante dos quais há rugas transversais; dorsalmente deprimido a curta distância do bordo posterior (havendo

sulco linear sobre a depressão dorsal) e latero-dorsalmente comprimido. Prosterno liso. Matasterno apenas com funda fôvea posterior. Abdômen sem sulco longitudinal, com minúsculos pontos alfinetados, maiores no 5.º segmento. Élitros de bordo anterior quase direito, truncados posteriormente, o ângulo externo saliente em curto tubérculo espiniforme, 2.ª a 8.ª estrias com fila longitudinal de grossos e fundos pontos; interstícios mais ou menos nítidos, com a seguinte distribuição das listras do desenho ornamental: 3.º com longa listra basal e longa apical, ambas terminando antes do meio e deixando curto espaço vazio entre si, 4.º com listra mediana ao nível da porção do 3.º interstício que não possui listra, 5.º com curta ante-mediana e curta pós-mediana, 6.º com curta ante-mediana, 7.º com curta ante-mediana e curta pós-mediana, 8.º com longa basal do mesmo comprimento que a basal do 3.º e que no úmero se une a uma mancha basal comum ao 6.º e 7.º interstícios.

Macho. Comprimento: 14,5 mm. Protórax: comprimento — 3,5 mm; largura — 3,0 mm.

Cabeça mais longa que larga, mais estreita adiante que atrás; superiormente convexa, mais elevada no meio e mais baixa na junção com o pescoço, com curtíssimo sulco linear na porção anterior, cha-

grinada; olhos grandes e aurículas pouco pronunciadas, sendo a distância do bordo posterior de cada aurícula ao bordo posterior de cada olho igual a cerca de um raio ocular; inferiormente com grande e funda fôvea junto do pescoço e com duas séries de grandes e fundos pontos. Metarrostro muito curto, muito mais curto que o prorrostro, dorsalmente chagrinado e com funda depressão longitudinal que se estende para diante e para trás; lados com alguns pontos densamente distribuídos; ventralmente com duas séries de grandes e fundos pontos. Mesorrostro com sulco dorsal estreito e com três grossos pontos de cada lado na face inferior. Prorrostro longo e estreito, progressivamente dilatado para o ápice, com duas quilhas laterais, paralelas na junção com o mesorrostro e progressivamente divergentes para diante, terminando antes de atingir o ápice, que é pouco dilatado; com minúsculos pontos alfinetados. Mandíbulas robustas e pequenas. Antenas atingindo o bordo posterior do protórax, longas, todos os artícu- los mais longos que largos. Protórax mais longo que largo, estreitado adiante e atrás, comprimido de um lado e de outro e com depressão dorsal longitudinal muito rasa e larga; na porção mais dilatada da face dorsal, de um lado e de outro, com dois tubérculos muito característicos (no macho ora descrito, por anomalia, falta um dos tubérculos de um dos lados); dorsal e lateralmente chagrinado. Todos os fêmures clavados e com espinho apical inferior. Tibias I curvadas, sem espinho mediano inferior; II e III di- reitas e inermes. Metasterno convexo, liso, apenas com fôvea basal, sem sulco longitudinal. 1.º e 2.º segmentos abdominais muito convexos, com minúsculos pontos esparsos só visíveis com grande aumento, com sutura transversal de separação acentuada dos lados e linear no meio; 3.º e 4.º segmentos chagri- nados, com pequenos pontos dos lados e um ou outro esparso; 5.º com pontos densamente distribuídos. Élitros quase direitos anteriormente, posteriormente arredondados e com ângulo apical externo sob a forma de curto espinho rombo, com forte depressão logo no início do declive posterior, entre o 3.º e o 9.º interstícios, que são os únicos interstícios salientes nessa parte, especialmente o 3.º; 1.ª estria com pe- queninos pontos em série a partir do bordo posterior, mas não chegando até o meio, as demais estrias com fila de grossos e fundos pontos. É a seguinte a distribuição das listras ornamentais: 2.º interstício com curtíssima listra subapical; 3.º com longa basal e longa apical, deixando entre elas espaço mediano;

4.º com mediana do comprimento do espaço entre as duas listras do 3.º interstício; 5.º com curta pós-mediana e curta ante-mediana; 6.º com curta ante-mediana; 7.º com curta ante-mediana e curta pós-mediana; 8.º com longa basal; ângulo umeral com mancha que abarca o início do 5.º ao 8.º interstícios, partindo a longa basal do 8.º em continuação a essa mancha, para trás.

Colorido geral castanho-avermelhado, superfície dorsal fosca, superfície ventral, prorrostro, antenas e patas brilhantes; ápice do prorrostro enegrecido; protórax dorso-lateralmente irregular e levemente enegrecido, no bordo anterior com orla anular enegrecida. Élitros com áreas enegrecidas, as listras orna- mentais alaranjadas.

#### Material estudado

##### 1. Da coleção Campos Seabra.

1.1 Amazonas, Benjamin Constant: parátipo fêmea e alótipo macho, coligidos por I. C. Lima, em IX-1955.

1.2 Amazonas, Tabatinga: parátipo fêmea, coligido por F. M. Oliveira, em IX-1956.

2. Do Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Centro-Sul. Amazonas, Manicoré: holótipo fêmea, coligido por H. C. Boy, em XI-1923.

O protórax de *Vianodes quadridenticollis* Soares é muito parecido com o de *Vianodes denticollis* (Gyll., 1833), não só na forma como na escultura. Quanto ao desenho ornamental dos élitros, é a primeira espécie que, tendo longa listra basal e longa apical no 3.º interstício deixando entre si espaço livre, e longa basal no 8.º interstício, exhibe faixa transversal ascendente ante-mediana. Distingue-se de tôdas as outras formas de *Vianodes*, não só pela distribuição das listras ornamentais dos élitros, como pela presença de dois tubérculos de cada lado na parte posterior do protórax, antes do início do estreitamento posterior, pelo que é forma inconfundível.

*Vianodes spinipennis*, sp. n. (Figs. 14 a 17)

Macho. Comprimento: 30,0 mm. (espinho posterior dos élitros exclusive). Protórax: comprimento — 7,0 mm; largura — 5,0 mm.

Fêmea. Comprimento: 21,0 mm (espinho posterior dos élitros exclusive). Protórax: comprimento — 5,0 mm; largura — 3,5 mm.

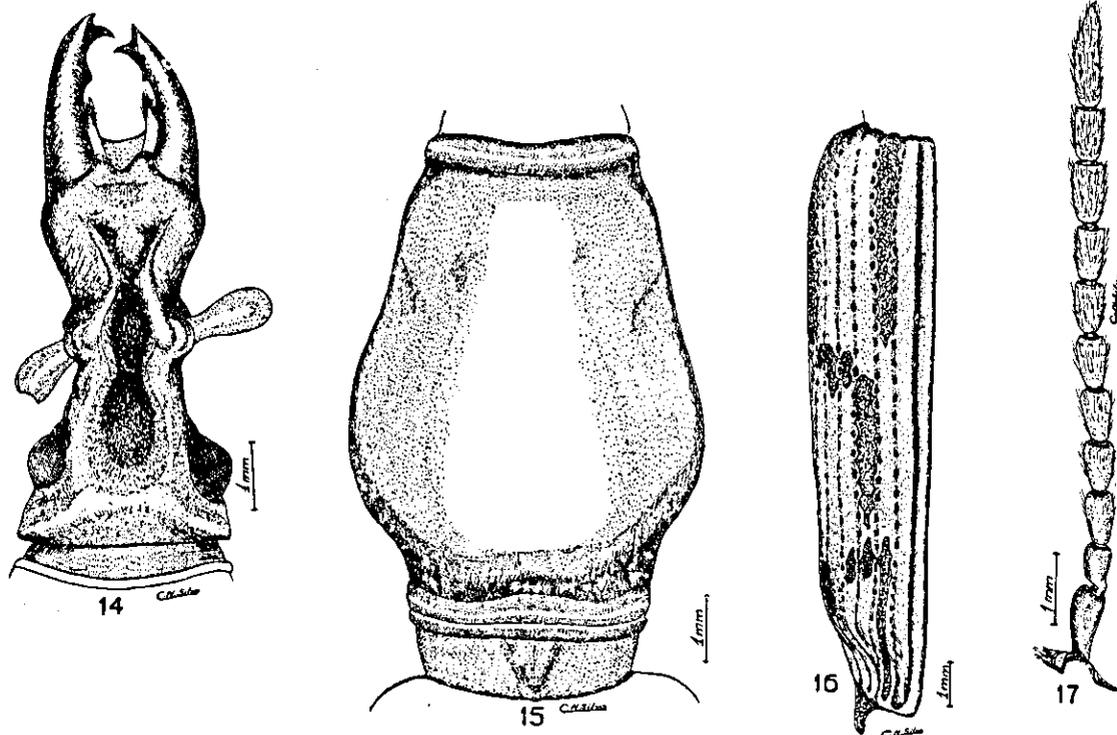


FIG. 14. *Vianodes spinipennis*, sp. n.: cabeça e rostro (vista dorsal).  
 FIG. 15. *Vianodes spinipennis*, sp. n.: protórax (vista dorsal).  
 FIG. 16. *Vianodes spinipennis*, sp. n.: élitro.  
 FIG. 17. *Vianodes spinipennis*, sp. n.: antena.

Macho. Cabeça mais larga que longa, um tanto convexa na metade posterior, na metade anterior com larguíssimo sulco que se continua por tôda a largura do metarrostro e do mesorrostro, terminando no início do prorrostro. Cabeça e rostro apenas com minúsculos pontos esparsos na face dorsal, só visíveis com grande aumento. Face inferior da cabeça e rostro lisa, com sulco linear em todo o comprimento. Artículos antenais muito mais longos que largos, 2.<sup>o</sup>-6.<sup>o</sup> cônicos, 7.<sup>o</sup>-11.<sup>o</sup> cilíndricos. Protórax posteriormente, atrás da porção dilatada, comprimido lateralmente, no terço anterior com finas rugas laterais de um lado e de outro, no mais liso. Prosterno liso. Metaterno com funda fôvea posterior e com sulco linear desta fôvea para diante, ultrapassando um pouco o meio. Abdômen com raso e largo sulco, o 4.<sup>o</sup> segmento com fila transversal de pequeninos pontos, o 5.<sup>o</sup> com pequenos pontos mais densamente distribuídos na parte posterior e nos lados. Élitros não truncados anteriormente, com o ângulo apical externo prolongado em espinho, a partir da 2.<sup>a</sup> estria com fila de fundos pontos que vão diminuindo de tamanho, progressivamente para trás, lados cancelados;

interstícios mais ou menos nítidos, com a seguinte distribuição de listras ornamentais: 3.<sup>o</sup> interstício com longa listra basal e longa apical, 4.<sup>o</sup> com longa mediana, 5.<sup>o</sup> com curtíssima ante-mediana e curtíssima pós-mediana, 6.<sup>o</sup> com curta ante-mediana, 7.<sup>o</sup> com curtíssima ante-mediana e curta pós-mediana, 8.<sup>o</sup> com longa pós-umeral, úmeros sem manchas.

Colorido geral castanho-avermelhado-escuro, fosco, o protórax com duas faixas enegrecidas, élitros enegrecidos, as listras dos interstícios alaranjadas.

Fêmea. Cabeça semelhante à do macho, com sulco largo na metade anterior que se estende até o início do prorrostro. Cabeça e metarrostro com uma fila de grossos pontos de cada lado, inferiormente. Pontuação do abdômen (4.<sup>o</sup> e 5.<sup>o</sup> segmentos) sutilíssima.

#### Material estudado

1. Da coleção Campos Seabra. Brasil: holótipo macho.
2. Do Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Centro-Sul.

2.1 Guanabara, Corcovado: alótipo fêmea, coligido por Travassos, em 4-XI-1935.

2.2 Rio de Janeiro, Terezópolis, Parque Nacional da Serra dos Órgãos (1.000 m): parátipo fêmea, coligido por P. Wygodzinsky.

A espécie é mais afim de *Vianodes dispar* (L., 1758), de que se separa facilmente pela existência de longo espinho apical externo nos élitros e pela presença de espinho inferior nas tíbias I.

### *Rhynchoneus* Sharp

*Rhynchoneus* Sharp, 1895:47.

### *Rhynchoneus belti* Sharp

*Rhynchoneus belti* Sharp, 1895:47, pl. 2, figs. 14, 14a; Kleine, 1927b:46; Kleine, 1938b:107, Blackwelder, 1947:773.

*Arrhenodes campyrus* Senna, 1897:230; Kleine, 1923a:171; Kleine, 1927b:41; Blackwelder, 1947:773.

*Vianodes campyrus* (Senna) H. Rossi, 1955:63; Meyer, 1959a:127, figs. 4-8.

Recebemos recentemente do Dr. J. Bechyné pequeno lote de Brêntidas do Brasil. Entre o material enviado vieram 14 exemplares (5 machos e 9 fêmeas), coligidos por J. Bechyné e A. Bechyné em Vilhena, Território da Rondônia, em 25-II-1961, da espécie descrita por Sharp em 1895 como *Rhynchoneus belti*, com base só em fêmeas, em n.º de 4, de Chontales (Nicarágua). Posteriormente a espécie foi assinalada no Brasil e na Venezuela. O macho continuava desconhecido e, na última edição do "Genera Insectorum" relativo à família *Brentidae*, Kleine (1938b:107) continua calcando a descrição do gênero *Rhynchoneus* somente em fêmeas.

Os machos que temos em mãos pertencem à espécie *Vianodes campyrus* (Senna, 1897), recentemente redescrita e figurada pela primeira vez por Meyer (1959a:127).

Não obstante o marcante dimorfismo sexual, não há a menor dúvida de que o material examinado por nós corresponde aos dois sexos de uma única espécie, cuja fêmea foi descrita em 1895 por Sharp e cujo macho o foi em 1897 por Senna, cada sexo num gênero *Phynchoneus* somente em fêmeas. tura dos élitros e da distribuição das suas listras ornamentais, do colorido de todo o corpo e dos caracteres do metasterno e do abdômen.

## REFERÊNCIAS

- Blackwelder, R. E. 1947. Checklist of the coleopterous insects of Mexico, Central America, the West Indies, and South America. Part 5. Bull. United States Nat. Mus. 1855: 771-777.
- Haedo Rossi, J. A. 1954. Resúmen de las comunicaciones presentadas en la reunión del 2 de abril de 1954. Bol. Soc. Ent. Argentina 4:1-2.
- Haedo Rossi, J. A. 1955. Notas Brentidológicas I (*Coleopt.-Neotropica*) 1 (4): 61-64.
- Haedo Rossi, J. A. 1961. Brentidos Argentinos (*Brentidae, Coleoptera*) *Opera Lilloana* 6:1-317, 21 pls., 222 figs.
- Kleine, R. 1923a. Bestimmungstabelle der Gattung *Arrhenodes* Schoenherr. Arch. Naturg. 89a(4):169-180, 16 figs.
- Kleine, R. 1923b. *De Brentidarum Musaei-Nationalis Pragae specibus novis (Coleoptera)*. Sborn. Ent. Odd. Nár. Mus. Praze 1:48-54.
- Kleine, R. 1927a. Novos gêneros e espécies da fam. *Brentidae* (Coleopt.) da zona neotropical. Rev. Mus. Paulista 15(1):419-481, 483-542, 47 figs.
- Kleine, R. 1927b. *Coleopterorum catalogus, Brentidae (Editio secunda)* 89:1-94.
- Kleine, R. 1938a. Bestimmungstabelle der *Brentidae* (Fortsetzung). Ent. Nachrichteenbl. 12:65-80, 129-144.
- Kleine, R. 1938b. *Genera Insectorum, Coleoptera., fam. Brentidae (revision)* 207:1-197. pls. 1-6.
- Kleine, R. 1944. Neue Brentiden des Pariser Museums (*Coleoptera*). Rev. Franc. Ent. 10 (4): 149-158, 11 figs.
- Meyer, C. R. 1959a. Contribuição ao estudo dos Brêntidas do Brasil (*Col. Brentidae*). Rev. Bras. Biol. 19(2): 125-131, 11 figs.
- Meyer, C. R. 1959b. Duas novas espécies de Brêntidas do Brasil (*Col. Brentidae*). Rev. Bras. Biol. 19(3): 299-302, 6 figs.
- Meyer, C. R. 1960. Contribuição ao estudo do gênero *Vianodes* H. Rossi, 1955 (*Col., Brentidae, Arrhenodinae*). Rev. Bras. Biol. 20 (2): 143-147, 7 figs.
- Meyer, C. R. 1961. Nova contribuição ao estudo dos Brêntidas do Brasil (*Col. Brentidae*). Rev. Bras. Biol. 21(1): 61-64, 6 figs.
- Schoenfeldt, H. Y. 1908. *Genera Insectorum, fam. Brentidae*, 65: 1-88, pls. 1-2.
- Schoenherr, C. J. 1833. *Genera et species curculionidum* 1: 313-369.
- Schoenherr, C. J. 1840. *Genera et species curculionidum* 5: 465-580.
- Senna, A. 1893. Contribuzioni allo studio dei brentidi. Bull. Soc. Ent. Italiana 25:117-135.
- Senna, A. 1897. Descriptions de quelques espèces nouvelles de brentides du Musée Royal de Belgique et de ma collection et notes diverses. Ann. Soc. Ent. Belgique 41: 227-236.
- Sharp, D. 1895. Biologia Centrali-Americana, *Insecta, Coleoptera, Brentidae*, 4(6):1-80, 3 pls.

NOTES ON BRENTIDAE. I. (*Col. Brentidae*)*Abstract*

The author studied some species of Coleopterous insects belonging to the family *Brentidae* (tribe *Arrhenodini*). He describes the female allotype of *Schoenfeldtia impressicollis* Senna, 1893, and three new species of *Vianodes* H. Rossi, 1955: *Vianodes cyriodontoides*, sp. n., *Vianodes quadridentaticollis*, sp. n., *Vianodes spinipennis*, sp. n. He also considers *Pararrhenodes misionensis* (= *misionera*) H. Rossi, 1954, as synonymous with *Vianodes appositus* (Kleine, 1923), and *Vianodes campyrus* (Senna, 1897) — only males were known — as synonymous with *Rhynchoneus belti* Sharp, 1895 — only females were known.